

II CORÍNTIOS

Contexto Histórico

Paulo esteve em Corinto a primeira vez quando a igreja foi estabelecida (Atos 18). Entre a primeira carta e a segunda, ele esteve mais uma vez lá (encontro não registrado em Atos, mas citado II Coríntios 2:3 e implícito em 12:14 e 13:1). Foi uma visita disciplinar, onde a conversa foi forte e o clima pesado. Uma nova carta foi escrita antes de II Coríntios, de teor forte, a qual provavelmente se perdeu (II Coríntios 2:3-4; 7:8), na qual ele prometeu visitar a igreja mais uma vez.

Assim, dois motivos levam Paulo a escrever esta carta que estudamos agora: 1) Esclarecer a mudança de planos que o impediria de visitar Corinto conforme prometera (1:15-17). 2) Solicitar que a igreja dos coríntios participasse da coleta que estava sendo feita entre as igrejas gentílicas para socorrer os irmãos necessitados na Judeia.

Ao escrever II Coríntios, ele já havia recebido a notícia de que a igreja finalmente se arrependera (II Coríntios 7:5-9) e decidira tomar as medidas exigidas por Paulo nas cartas e visitas anteriores. Então, ele faz nova promessa de visitá-los, o que ele acaba fazendo. Quando escreveu a carta aos Romanos, um ano mais tarde, ele estava em Corinto.

É uma das cartas mais difíceis de ser compreendida, porque é uma carta intensa emocionalmente e bastante pessoal. Assim, nem sempre o assunto é linear e as informações do contexto se tornam fundamentais para entender algumas colocações do apóstolo. À semelhança dos profetas do Velho Testamento, muitas citações desta carta são feitas fora do contexto da carta, o que pode tornar a interpretação e aplicação distorcidas.

Esboço da carta

CAP	EVENTO
1:1 – 2:4	Explicações sobre a mudança dos planos
2:5-13	Instruções sobre a disciplina
2:14 – 6:10	Uma exposição e defesa do apostolado cristão
6:11 – 7:16	A alegria do apóstolo pela reação obediente da igreja
8 e 9	A contribuição para os crentes na Judeia
10:1 – 12:18	Sua defesa contra os críticos
12:19 – 13:13	As expectativas de Paulo para a próxima visita

Conteúdo

1. Explicações sobre a mudança dos planos (1:1 – 2:4)

Sua introdução demonstra o nível de sua intimidade com Deus. As coisas que ele fala sobre a consolação que o Senhor trás por seu Espírito são o resultado de sua experiência pessoal (1:3-6). Uma tribulação muito forte (1:7-11) se abateu sobre o apóstolo (e talvez sobre sua equipe) quando

ele estava na Ásia (se foi em Éfeso, pode ser que esteja se referindo ao tumulto gerado na queima dos livros e amuletos dos ex-dianistas, agora convertidos – Atos 19:23-41). Não é possível afirmar a natureza desta prova, mas fica claro que foi algo muito sério, que ameaçou a própria vida do apóstolo.

Paulo decidiu não ir a Corinto, conforme combinado, até que a postura da igreja em relação às instruções que ele lhes tinha passado fossem cumpridas ou que pelo menos a atitude deles em relação à sua autoridade fosse resolvida (1:1-24). Ele não queria repetir a visita anterior, quando as coisas não saíram bem, nem voltar no mesmo estado de espírito quando escreveu a carta perdida.

Agora, com as notícias trazidas por Tito, seu coração foi consolado (daí suas colocações sobre este tema no início do capítulo). Ele soube que a atitude da igreja mudou e isso o fez confiante de que seu investimento de tempo e esforços entre os coríntios não tinha sido em vão.

2. Instruções sobre a disciplina - 2:5-13

O apóstolo não estava chateado ou ofendido pela igreja por qualquer motivo pessoal. Seu interesse era o bem-estar e a santidade da igreja. Quando eles se recusaram, de início, a tratar o homem que cometera incesto, era contra sua autoridade apostólica que se insurgiram. Agora, de volta à sensatez, eles causam alegria ao obedecer e tratar.

Resolvida a questão, não havia mais motivo de manter aquele irmão afastado da comunhão. Se ele havia se arrependido e abandonado o pecado, o propósito da disciplina estava alcançado. Daí para frente, deixá-lo do lado de fora, seria expor desnecessariamente aquele membro à ação do inimigo.

3. Uma exposição e defesa do apostolado cristão - 2:14 – 6:10

Paulo expõe de uma maneira incomum em suas cartas os seus sentimentos. Era quase inacreditável que um homem de Deus do seu quilate tivesse sua autoridade questionada por alguém, como se ele não fosse suficientemente conhecido. Até homens desta envergadura enfrentaram a desconfiança e a oposição, dentro e fora da igreja. Seu ministério não era uma aventura. Paulo estava brincando com sua missão. Por isso, ele não poupa palavras para defender sua condição de apóstolo e de ministro do Evangelho.

- a. Ele não estava no ministério por dinheiro (2:14-17). Ele só tinha a perder, do ponto de vista financeiro, em ser um apóstolo. Sua motivação era sincera.
- b. Seu ministério era autenticado pelos resultados (3:1-3). A vida dos próprios coríntios era uma recomendação do seu trabalho.
- c. Seu ministério pertencia a uma nova aliança (3:4-18; 4:1-7). O “*ministério da condenação*”, representado pela lei já havia sido glorioso, mas ainda muito mais era o “*ministério da justiça*” (3:9), personificado em Jesus Cristo, “cheio de graça e de verdade” (João 1:17).
- d. Sua motivação vinha da convicção do seu chamado e do “*eterno peso de glória*” do seu ministério (4:8-18). Ele estava trabalhando em uma obra eterna (5:1-9), que não era sustentado ou garantido por homens, mas pelo próprio Deus.
- e. Seu ministério seria julgado pelo Senhor e ele dava cada passo na vida sob a perspectiva de quem tinha a responsabilidade de prestar contas (5:10-13). Sua tarefa não era algo de somenos: ele era “*embaixador em nome de Cristo*” (5:14-21).

f. Seu ministério era autenticado por uma conduta digna, marcada por uma longa ficha corrida de trabalho fatigante e devotado (6:1-10). Qual dos seus acusadores podia apresentar uma vida de serviços prestados como Paulo?

4. A alegria do apóstolo pela reação obediente da igreja - 6:11 – 7:16

Por tudo isso, o escritor pode se sentir tranquilo de consciência e na autoridade para exigir deles obediência em Cristo. E por isso, ao ficar sabendo através de Tito que os coríntios tinham decidido submeter-se novamente à sua autoridade pastoral, ele se sente aliviado e recompensado (7:2-16). Assim como ele tinha mencionado no começo da carta, ele volta ao tema. Ele estava entusiasmado com a nova atitude daquela igreja.

5. A contribuição para os crentes na Judeia - 8 e 9

Na sua primeira carta, Paulo havia convocado os coríntios para participar de uma campanha de levantamento de fundos que ele estava liderando entre as igrejas dos gentios, para mostrar solidariedade cristã aos crentes judeus. No começo da Igreja, os crentes da Judeia se mostraram resistentes a aceitar os gentios na comunidade cristã. Queriam impor o peso cerimonial da lei a eles. Agora, os crentes gentios tinham uma chance de estender seu amor prático e assim costurar definitivamente a comunhão entre os diversos povos que agora compunham o mosaico de cores e culturas do Corpo de Cristo.

Estes dois capítulos formam a principal fonte de ensino para o Novo Testamento a respeito dos princípios de contribuição financeira. Em nosso curso Mordomia Financeira trabalhamos com detalhes o ensino propriamente. Para este presente curso, destacamos mais o fato de que Paulo escreve para lembrar que os coríntios que “completassem a graça” iniciada um ano antes com a visita de Tito (8:6, 11-12).

6. Sua defesa contra os críticos - 10:1 – 12:18

Uma nova defesa pessoal é feita agora contra aqueles que acusavam Paulo de ser incisivo nas cartas, mas de ter uma presença pessoal fraca (10:10). Ele usa de ironia para dizer que era melhor que assim fosse, para que os raros encontros entre eles pudessem ser mais bem aproveitados. Inclusive, é preciso prestar atenção sobre quando ele está usando este recurso literário. Veja dois exemplos em 10:1 e 11:1. Suas palavras não são de alguém procurando simplesmente defender sua reputação; o que está em jogo não é sua honra pessoal, mas o ministério recebido do Senhor. Seus argumentos são objetivos e irrefutáveis:

- a. Seu trabalho não era humano ou carnal, mas espiritual (10:3-6).
- b. Sua autoridade vinha de Deus e servia para edificar vidas (10:7-9).
- c. Seu caráter não era dúbio: ele era o mesmo em presença ou em carta (10:10-12).
- d. Sua área de atuação pastoral incluía os coríntios (10:13-18).
- e. Sua mensagem era autêntica, ao contrário da mensagem dos falsos apóstolos (11:1-6). Eles são chamados abertamente de “fraudulentos” (11:13-15).
- f. Seu interesse nunca foi de tirar vantagem financeira do seu ministério (11:7-12).
- g. Sua vida estava marcada pelo sofrimento por causa do Evangelho (11:16-33).
- h. Suas experiências com Deus eram inenarráveis e indiscutíveis (12:1-10).

7. As expectativas de Paulo para a próxima visita - 12:19 – 13:13

Embora ele não gostaria de apelar para suas credenciais apostólicas, ele se vê forçado a isso

devido à atuação dos falsos obreiros que estavam influenciando os coríntios contra seu ministério. Ele não contava com qualquer recompensa financeira (ao contrário dos demais “obreiros” que circulavam por lá), mas deixa claro que espera que as coisas melhorem na igreja, que os pecados sejam tratados conforme seu ensino (12:11-21).

Finaliza expondo mais uma vez seus planos de fazer nova visita àquela igreja. Ele ainda usa palavras duras (13:1-10), mas está mais convencido de que desta vez a igreja vai ouvi-lo e submeter-se à sua autoridade pastoral. Não sabemos se ele conseguiu concretizar este planejamento.

A saudação final é uma declaração da Trindade, embora nessa época esta doutrina não fosse denominada assim. *A graça do Senhor Jesus, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo*, são uma bênção clássica usada até os nossos dias, quando se quer impetrar a bênção de Deus sobre o seu povo. Esta expressão representa muito mais do que uma manifestação litúrgica ou cerimonial. Ela é a expressão de que cremos em um Deus Triuno, o mesmo Deus, distinto em cada Pessoa, mas coigual em poder, essência e soberania.